


RESENHA

A urbe amazônida, de Bertha Becker



BECKER, Bertha. *A urbe amazônida: a floresta e a cidade*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

Gustavo Teramatsu

 gteramatsu@gmail.com

A urbe amazônida: a floresta e a cidade, último livro escrito pela geógrafa Bertha Becker (1930-2013), ganhou publicação recente pelo selo Garamond Universitária, de cujo conselho editorial fazia parte. Seu lançamento ocorreu na residência da autora, no Rio de Janeiro, em junho de 2013, precedendo seu passamento em um mês. As homenagens póstumas feitas pela comunidade geográfica brasileira em seu reconhecimento vieram de variados lugares e de diversas instituições, o que nos dá ideia de sua importância – desde o prêmio Manuel Correia de Andrade, a ela dedicado durante o X ENANPEGE por sua destacada obra, até um concurso de fotografias em sua memória durante a IX Semana de Geografia da Unicamp, organizada por estudantes de graduação daquela universidade.

Para aqueles cujo pensamento de Bertha Becker já é caro, a leitura de “A urbe amazônida...” é indispensável, na medida em que apresenta conclusões dos seus últimos anos de pesquisas. Ao mesmo tempo, disponível também em formato digital – característico do período em que vivemos –, trata-se também de uma obra acessível aos estudantes dos primeiros anos dos cursos de Geografia e ao público em geral. Para aqueles que ainda não conhecem sua obra, portanto, este pequeno livro de cinquenta páginas proporciona um primeiro contato. Traz, inclusive, uma cuidadosa linha do tempo em que são postas, lado a lado, efemérides relacionadas

à Amazônia e à produção intelectual da geógrafa ao longo de cinquenta anos, seguida por uma listagem de seus livros e artigos, além de *hyperlinks* para vídeos disponíveis na internet. Esta compilação constitui um excelente ponto de partida para conhecer suas pesquisas e sua trajetória pessoal e profissional.

Ainda na ativa, Becker se dedicava ultimamente às pesquisas “Conectividade global e novos processos urbanos na Amazônia – uma investigação” (no programa de pós-graduação em Economia Política Internacional da UFRJ) e “Dinâmicas das cidades amazônicas, globalização e desenvolvimento regional” (Edital MCT/CNPq 15/2007 – Universal), cujos títulos dão pistas do conteúdo abordado em sua derradeira publicação.

Em ambos os projetos, apoiando-se no censo realizado pelo IBGE em 2000, Becker destacava a princípio que 70% da população amazônica viviam em núcleos urbanos – em 2010, essa relação havia se ampliado para 74%, e vem crescendo a cada ano –, mas considerava que este dado era negligenciado. Para ela, tais núcleos urbanos foram fundamentais para a ocupação do território amazônico, muito embora não tenham promovido o desenvolvimento regional. Segundo ela, contribui o fato de que ali houve um processo de ocupação muito mais recente em relação às demais regiões do território brasileiro e, além disso, um processo de colonização *sui generis*, em que contribuiu não apenas o elemento português, mas também os espanhóis, os franceses e os holandeses. De modo mais imediato, o processo histórico de ocupação da Amazônia hoje se expressa em diversas formas nas cidades, a considerar a cultura local, as toponímias e a arquitetura, mas também no que chama de trabalho velho.

A própria capa do livro, em tons de verde e azul rasgados por uma linha vermelha e outra branca, um dos óleos sobre tela da série *Velofluxos* assinado pela artista carioca Suzana Queiroga (1961-) – que afirmou certa vez buscar assim representar a forma plástica da cidade, com seus fluxos e redes –, implicitamente já evoca essa questão, que se torna quase subversiva quando se atribui à natureza e à cidade – tomadas equivocadamente como sinônimos, respectivamente, de conservação e de desenvolvimento – significados antagônicos: por que não entender a floresta a partir de sua urbanização?

Orientada pelas ideias de Jane Jacobs (1916-2006) em *A Economia das Cidades* (1969) e pelas observações empíricas reunidas ao longo de quase quatro décadas de pesquisa, Bertha Becker pressupõe que as cidades, enquanto entidades sociais criadas por processos econômicos, precedem o surgimento da agricultura. A verificação empírica, na Amazônia, comprova que as fundações dos assentamentos urbanos precederam a chegada da fronteira agrícola na região – configurando-se

elas mesmas em bases logísticas para sua expansão –, seguindo um projeto geopolítico empreendido pelo Estado. Assim, discorda da visão convencional de que as cidades surgem a partir de excedentes agrícolas. Da mesma forma, ao falar em espaço dos fluxos, já se distancia da teoria dos lugares centrais, que, por muito tempo, orientou os estudos geográficos.

A globalização da economia proporciona a predominância atual do espaço dos fluxos – assim aponta ela, com base em Peter Taylor (1944-). Tais fluxos permitem a expansão da produção por meio do trabalho novo – isto é, das inovações –, que, por sua vez, é em grande medida responsável por transformar as cidades locais em cidades dinâmicas, lugares onde a expansão da economia é capaz de se efetivar.

Becker também fala em dinamismo urbano, buscando explicar, à luz da teoria, por que as cidades da Amazônia não se dinamizaram. E explica que os variados surtos econômicos que ali ocorreram no decorrer dos séculos de ocupação do território, uma vez que estiveram sempre direcionados para o mercado externo, não promoveram a substituição de importações e tampouco foram capazes de alterar a divisão de trabalho. As cidades amazônicas, portanto, desempenharam um papel periférico na economia-mundo. Por vezes, também, dependentes do mercado mundial, tais surtos entravam em rápido declínio e qualquer possibilidade de desenvolvimento era constrangida pela fragilidade do mercado doméstico e pela ausência de políticas públicas capazes de promover a distribuição das riquezas.

É com base nisso que a autora encerra o livro, num tom propositivo. Concluindo a partir da teoria e da empiria, Becker indica que a conquista da autonomia dessas cidades – num quadro onde muitas delas, isoladas, atualmente não se sustentam por si – deve passar pela inovação industrial, capaz de promover o estabelecimento de cadeias produtivas de produtos da região, fundamentada na ciência e tecnologia para a utilização sustentável do patrimônio natural da Amazônia, integrando as cidades; ou ainda pela indústria criativa, que valorizaria o patrimônio cultural dos povos tradicionais.

Essa verdadeira economia florestal que Bertha Becker concebeu, alternativa de projeto de desenvolvimento para a Amazônia, além de estratégica, é revolucionária, pois significa promover enfim a consolidação da rede urbana e o desenvolvimento regional, com distribuição das riquezas e, ao mesmo tempo, de manter a floresta “em pé”, como dizia. Que os geógrafos mais jovens, a partir da leitura desta e de outras de suas obras, possam avançar e contribuir para a compreensão do território da Amazônia.

Referência da obra

BECKER, Bertha. *A urbe amazônida: a floresta e a cidade*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

* * *

Sobre o autor da resenha

Gustavo Teramatsu: geógrafo bacharelado e licenciado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde atualmente desenvolve seu mestrado.

 **BCG**: <http://agbcampinas.com.br/bcg>